

**Você sabe quem
viu Jesus nascer?**



Marcus Vinicius de Azevedo Braga

VOCÊ SABE QUEM VIU JESUS NASCER?

Marcus Vinicius de Azevedo Braga

2013

VOCÊ SABE QUEM VIU JESUS NASCER?

Marcus Vinicius de Azevedo Braga

Data da publicação: 13 de dezembro de 2013

CAPA: Giovani de Toledo Vecili
REVISÃO: Cíntia Cortegoso
PUBLICAÇÃO: EVOC – Editora Virtual O Consolador
Rua Senador Souza Naves, 2245
CEP 86015-430
Fone: (43) 3343-2000
www.oconsolador.com
Londrina – Estado do Paraná

Dados internacionais de catalogação na publicação
Bibliotecária responsável Maria Luiza Perez CRB9/703

B794v

Braga, Marcus Vinicius de Azevedo.
Você sabe quem viu Jesus nascer? / Marcus Vinicius de
Azevedo Braga ; revisão de Cíntia Cortegoso ; capa Giovani
de Toledo Vecili . - Londrina, PR : EVOC, 2013.
55 p.

1. Jesus Cristo. 2. Natal. I. Cíntia Cortegoso. II. Título.

CDD 242.33
19.ed.

Índice

Notas sobre o Autor

Introdução

1. Um Natal diferente
2. Bugigangas
3. Cem anos de perdão
4. Trilha sonora
5. O Natal na mata
6. Presente
7. Calendário
8. A vela
9. Natal trabalhoso
10. Bye, bye, Noel
11. Remake do Natal
12. Folia
13. Balas de Natal
14. Arbustos e arvoredos
15. A revolta
16. A mensagem gravada
17. Faltou a luz
18. Faça seu pedido
19. Rei mago
20. Escalas e escolhas
21. Mundo infantil
22. Na lapinha
23. Oração
24. O presépio de São Francisco
25. Natal o ano todo

Notas sobre o Autor

Residindo atualmente na cidade do Rio de Janeiro, espírita desde 1990, Marcus Braga atua no movimento espírita, predominantemente na área de evangelização espírita infantil e juvenil, sendo também expositor e articulista.

É colaborador assíduo do jornal *Correio Espírita* (RJ), da *Revista Espírita de Campos* (RJ) e da revista eletrônica *O Consolador* (PR), entre outras participações esporádicas em outros periódicos.

Além da presente obra, é autor do livro *Alegria de Servir* (2001), publicado pela Federação Espírita Brasileira (FEB).

Introdução

Estarrece verificar como ocorre a comemoração do Natal na nossa sociedade e como se tem revelado uma grande contradição, quando nos detemos a pensar na manjedoura que abrigou o menino Jesus no dia do seu nascimento.

Entretanto, vivências cristalizadas e presentes no cotidiano somente podem ser alvo de uma reflexão através de uma representação do próprio cotidiano, no qual o gênero da crônica se encaixa perfeitamente na forma de olharmos e revisitarmos a nossa vivência do Natal.

Fruto da perplexidade vista a olhos nus no cotidiano das festas natalinas, fruto da angústia e da decepção pela estranheza da prática de hoje e a origem humilde do Cristianismo na distante Belém, assim nasceu cada uma das crônicas que fazem parte deste livro, como um grito de alerta para a figura principal esquecida na sua festa de aniversário.

Trata-se de um contraponto aos mitos da sociedade de consumo que, servindo aos interesses comerciais, ocuparam os espaços das questões mais profundas, reduzindo o Natal, como visto pelo *écran* da TV, à distribuição de presentes pelo bom velhinho e suas renas.

Como a estrela de Belém indicava o lugar do nascimento, cada uma das vinte e cinco histórias aqui contadas é uma estrela indicando que algo precisa ser mudado a partir de nós, para nos aproximarmos de Nosso Senhor Jesus Cristo e de suas lições, lembrando-nos, a cada minuto do dia 25 de dezembro, de quem testemunhou o nascimento do Nosso Senhor.

O Autor

Um Natal diferente

No orfanato "Canteiro de estrelas" inicia-se mais uma festa de Natal, com a presença de vários "Tios" vindo das associações de moradores do bairro que se acotovelavam entre abraçar as crianças, cantar e distribuir gracejos. No palco improvisado, entra um grupo de Tios munidos de violão, puxando diversas músicas infantis e músicas de Natal. As meninas do orfanato, todas com a mesma roupinha, emanam um brilho dos seus olhos ao verem aquele espetáculo. Após as musiquinhas, ocorrem uma pequena peça teatral e a distribuição de lanches e brinquedos. Bia, uma pequena mocinha de olhos negros, ajeita-se entre as meninas para assistir ao show. Após a despedida final, todos acodem aos tios e Bia sobe no palco, perdida em divagações infantis.

– *"Ai, como eu sou feliz! Adoro quando os tios vem aqui. Eles cantam, brincam e fazem a maior alegria. Mas hoje, eles falaram do Natal. O que será isso? Sinto que é uma coisa boa."*

Entra um Tio na busca dos atrasados e diz:

– *"Bia, minha querida. Está na hora de você ir para a cama, pois seu dia foi muito cansativo."*

– *"Tio, o que é o Natal?" – pergunta incisiva.*

– *"Menina, deixe de papo e vamos dormir."*

– *"Só saio daqui quando o senhor me explicar o que é o Natal." – insiste a pequena.*

– *"Tudo bem, sente aí. O Natal é...."*

– *"Rui, a Amanda caiu. Ajuda-me aqui."* Ao ouvir o apelo, o Tio sai correndo se desculpando com Bia. Inconformada, sai resmungando.

– *"Aaaaaaaaai, droga! Ninguém sabe me dizer o que é esse Natal."*

Uma voz ao fundo manda Bia, correndo, ir para a cama e escovar os dentes. A tia Margareth, senhora austera, porém, bondosa, pergunta-lhe:

– *"Bia, já fez sua higiene pessoal?"*

– *"Sim, senhora."*

– *"E a sua oração?"*

– *"Farei agora, tia."*

– *"Então, boa noite."*

Insatisfeita, bem verdade, Bia se vira para dormir cantarolando na sua mente as cantigas dos tios.

Bia se levanta, com um salto da cama, e quando vê está sobre o palco do orfanato. Estranhando aquilo tudo, se vê surpreendida por um menino de branco:

– *"Bom dia, Bia."*

– *"Quem é você?"* – pergunta Bia, ressabiada.

– *"Sou seu amigo"* – replica o menino mansamente.

– *"Mas eu não sou sua amiga!"* – reage Bia violentamente. – *"Minha tia Margareth me disse para não conversar com pessoas estranhas."*

– *"Mas se eu não sou seu amigo, eu quero ser agora. Meu nome é Natalino."*

– *"E o que você está fazendo aqui no orfanato?"*

– *"Você me chamou."*

– *"Eu não chamei ninguém aqui. Acho que o senhor é lelé, maluquinho."*

– *"Você não queria saber o que era o Natal?"*

– *"Como você sabe? Sim, eu quero saber, mas duvido que você saiba!"* – desafia Bia impetuosamente.

– *"Bem, vou ter que me identificar"* – saca uma carteira do bolso. – *"O meu nome é Natalino Natalício do Natal de Belém e fui contratado para explicar às crianças o significado do Natal".*

– *"Então você pode mesmo me dizer o que é o Natal."* – confirma Bia esticando o olho para verificar a carteira.

– *"Bia, o Natal é uma festa..."* – Natalino inicia a explicação.

– *"Oba! Festa. Sabia que era uma coisa boa. Deve ter bolo, pudim, manjar."* – interrompe Bia, que fica olhando para o alto contando os dedos.

– *"Mas o Natal é muito mais do que isso, Bia."*

Bia corta Natalino novamente:

– *"Vamos, Tio, vamos para essa festa."*

– *"Que seja feita a sua vontade, Bia. Vamos ver como as pessoas fazem a festa de Natal."*

Natalino põe a mão sobre a testa de Bia e tudo a sua volta se transforma.

De repente, Bia se vê em uma loja de roupas, onde uma turba de pessoas se digladia pela disputa de shorts, camisas e

bermudas em uma promoção relâmpago. Bia, meio que decepcionada, pergunta:

– *"Essa é que é a festa?"*

– *"Não, esses são só os preparativos."* – responde Natalino.

Uma blusa voa da confusão e cai no rosto de uma moça, que passa a discutir com a outra, disputando a peça de roupa.

– *"Agora vamos ver como as pessoas vivem a festa de Natal."*

Arremata Natalino, mais uma vez, com a mão sobre a fronte, e o ambiente se altera. Natalino leva Bia para uma casa grande, luxuosa, com altos muros e já dentro numa extensa mesa se exhibe uma farta ceia Natalina. Bia já ameaça pegar uma rabanada, quando Natalino faz uma advertência:

– *"Tenha paciência, minha amiga. Aguarde os convidados."*

Entra um menino pela sala cantarolando:

– *"Jingle Bells, Jingle Bells... pudim, manjar e mel. Não faz mal, não faz mal, bolinho de bacalhau. Oba, eu adoro o Natal. A gente espera, espera até meia-noite para dar bastante fome e depois se empanturra de comida e só acorda para lá do meio dia. Humm, falando nisso, vou beliscar uma rabanada."*

De repente, entre gritos e discussões, entra um casal de namorados brigando:

– *"Não, não e não. Por que você tem que passar o Natal com a sua mãe? Eu não quero ficar nessa casa chata sozinha!"* – esbraveja a moça.

E, concomitantemente, entra o Chefe da casa ostentando uma garrafa de "Doze anos", visivelmente, embriagado. Um barulhão acomete o ambiente e todos correm para a janela para ver o acidente que ocorreu na esquina.

Bia começa a bater em Natalino, em prantos:

– *"Seu mentiroso! Você falou que ia me levar a uma festa. Essa é a festa de Natal? É assim que as pessoas passam o Natal?"*

Natalino acalma Bia alisando a sua fronte:

– *"Eu não sou mentiroso. É assim que as pessoas passam o Natal nos dias de hoje."*

– *"Então me leva para o orfanato. Esse Natal é ruim. Não quero mais ver Natal nenhum!"*

Tenta Bia puxar o braço de Natalino, mas esse, fazendo uma singela oposição, diz:

– *"Já que esse Natal é ruim, vamos tentar construir um Natal diferente."*

- *"Um Natal diferente?"*
- *"Sim, um Natal bom, um Natal com Nosso Senhor Jesus Cristo."*
- *"E como é que nós vamos mudar o Natal?"*
- *"Eu tenho uma ideia. Vamos até uma pessoa que pode nos ajudar a mudar o Natal."*
- *"E quem é essa pessoa?"*
- *"É o criador do Natal."*

Mais uma vez a realidade de Bia se altera e surge a sua frente uma multidão no cume de uma elevação onde um homem falava a todos:

- *"Amai-vos uns aos outros. Meus discípulos serão reconhecidos por muito se amarem."*

A multidão permanecia extasiada pelo magnetismo das palavras daquele homem. Bia pergunta, espantada, à Natalino:

- *"Quem é esse barbudo aí?"*
- *"Respeito, Bia! Esse é Nosso Senhor Jesus Cristo. No Natal, nós comemoramos o seu aniversário. Se ele não existisse, o Natal não existiria."*
- *"E ele pode mudar o Natal?"*
- *"Claro, venha, vamos falar com ele."*

Natalino se aproxima de Nosso Senhor, que o brinda com um abraço. Natalino não se faz de rogado:

- *"Muita paz, Senhor. Esta é Bia e ela está muito decepcionada com o Natal."*

Bia, apressadamente, completa:

- *"Pois é, Senhor. O senhor inventou este tal de Natal e agora ele está muito ruim."*

Nosso Senhor com um sorriso de mansuetude, volta-se para Bia em tom carinhoso:

- *"Minha amiguinha, o Natal é a coroação da vitória da paz e do amor no planeta Terra."*

– *"Não é não! Eu vi bebida, acidentes, comilança e muita briga neste tal Natal. Ou o senhor faz um Natal diferente ou acaba logo com esse Natal."* – responde de pronto Bia, já invocada.

– *"Amiguinha, volto a dizer que o Natal é amor nos corações. Venha Natalino, venha Bia. Vou mostrar-lhes o Natal diferente que vocês tanto buscam."*

E colocando a mão sobre a fronte dos dois, um turbilhão de energia envolve os três, que aparecem em uma casa com uma ceia simples sobre a mesa de uma sala. Entra uma senhora calmamente folheando um livro. Quando ela se senta, dois jovens entram para lhe dar um grande abraço.

– *"Mãezona, que bom que você veio. Tá mais corada, né. Como está a Tia Marta?"* Perguntam os dois em meio a abraços calorosos.

Os netinhos também abraçam a vó, que lhe entrega pequenas lembranças, e diz:

– *"Meus netinhos, só deu para comprar esses presentes, pois como vocês sabem, a vovó ajuda na Campanha da roupinha de Natal."*

Nosso Senhor toca o ombro de Bia e diz:

– *"Veja, Bia, para eles o Natal é bom."*

– *"É, mas é meio paradão."* – retruca a menina.

Natalino arremata sem perda de tempo.

– *"Mas veja, Bia, a alegria real estampada nos seus rostos."*

Os jovens, enquanto arrumam a mesa, ouvem a porta bater e era uma franzina mulher com uma criança no colo. Ao ver que a mesma pedia alimento, eles não titubearam em oferecer a mesma pousada e abrigo, convidando-a para a ceia de Natal. De mãos dadas, a mãe lê a passagem do evangelho que retrata o nascimento de Jesus, em meio de uma manjedoura simples, cercado pelos animais. Inicia uma cantiga de Natal, cantada por todos e logo Bia acompanha, lembrando-se dos tios que haviam lhe ensinado aquela música no orfanato.

A cantoria envolve todos e o ambiente com vibrações de fraternidade e quando Bia abre os olhos, está no seu quarto no orfanato. Ela se levanta rapidamente e sai pelos corredores do orfanato cantando a canção de Natal aprendida e entra em cada quarto, abraçando a todos.

Bia havia descoberto o Natal.

Bugigangas

Fim de ano, aquela faxina de sempre. Dona Rosalinda, cumprindo aquele sagrado dever de manter a casa arrumada (como um reflexo da sua vida), inicia aquele balanço de fim de ano, limpando atrás de armários, desarrumando gavetas, arrastando estantes. Dessa tarefa árdua, porém, prazerosa, que nos permite reviver o ano que se passou, sempre se materializa um resultado: livros, brinquedos, discos. Tanta coisa que já não nos serve mais.

Dona Rosalinda olha para aquela montanha de lixo, meio que apegada e já ameaça enviar tudo para o lixo, quando lembra das palavras do Padre João na última noite de quarta-feira na igreja, quando ao final da missa, Dona Amélia, encarregada da Pastoral, lembrou todos de que a paróquia estava aceitando doações para aquelas pessoas mais carentes, que no Natal não receberiam nenhum presente. Dona Rosalinda olha, então, aquele monte de presentes com outros olhos.

De repente, aquele chinelo velho de seu marido ainda teria uso, haja vista, que estava desbotado e não arrebitado. Aqueles brinquedos de seu filho estavam apenas sujos e arranhados e poderiam animar alguma criança e aquele seu vestido, apesar do pequeno rasgo embaixo do braço, poderia ser o grande "*debut*" de uma jovem mais pobrezinha.

Animada por esse espírito de doação, Dona Rosalinda recolheu as coisas do lixo, deu uma sacudida para tirar a poeira, passou um "paninho" e dentro de um saco plástico, segregou o material em um canto. Terminou a faxina e ficou passeando pela casa como que passando uma "inspeção".

Feliz por ter terminado mais um ciclo, com a casa reformulada e rearmada para enfrentar mais um ano, lembrou-se do material que separou para levar à paróquia. Pensou em levar logo o material, pois estava bem ali no meio da sala, atrapalhando a arrumação já concluída. Sem pestanejar, colocou o material no seu automóvel e dirigiu-se à igreja, que ficava a duas quadras de sua residência.

Lá chegando, havia uma caixa na porta para recolher as doações de Natal, com os dizeres "Nosso Senhor agradece". Dona Rosalinda deixa suas doações na caixa e sai em seu carro de alma tranquila.

*

Noite de Natal, a casa de Dona Rosalinda está repleta de gente. Familiares e amigos em clima de festividade. Ao perguntarem pelo vestido que usou no Natal passado, Dona Rosalinda não titubeia em dizer que doou com diversos objetos para as obras da paróquia, pois aquele era um costume seu de vários anos e que era importante dividir com os outros os nossos bens, pois estávamos no Natal. Suas amigas ficam espantadas com tamanho desprendimento, o que ela justifica pelas graças recebidas de sua fé.

Na mesma noite do dia 24 de dezembro, os trabalhadores da pastoral, ainda que sobre as reclamações de seus familiares, embrulham e preparam as doações, que agora se convertem em presentes. Fazendo também um saboroso lanche, quando se aproximava da meia noite, o grupo se dirigiu ao encontro do morro do Bacundê, na periferia da grande metrópole, onde foi de casa em casa, até o raiar do dia, entoando cantigas da cristandade, distribuindo o lanche e as lembranças, e lendo um trecho da bíblia, falando do Cristo de Deus, do sentido do Natal e da importância do amor e da fraternidade entre os homens. E na hora de abrir o embrulho, era aquela alegria. O chinelo da casa de Dona Rosalinda arrancou um sorriso de seu Zé Gato como há muito não se via, pois ele não teria mais de andar descalço. O brinquedo velho da mesma casa alegrou um menino que estava de cama com fratura na bacia. E o vestido, foi a coqueluche de uma adolescente que despertava como uma flor para as belezas da juventude. Os abraços de agradecimento emocionavam os trabalhadores, que viam as lágrimas por alguém ter se preocupado com eles naquela noite. Finda a tarefa, os corações emocionados encerraram o trabalho com a linda oração do Pai Nosso, falando da importância do Natal com Nosso Senhor Jesus Cristo.

E dona Rosalinda se livrou de algumas bugigangas.

Cem anos de perdão?

Para a surpresa de toda aquela população que reside nas praças e marquises do Centro da Metrópole, ainda existem algumas pessoas que na noite de Natal largam suas abastadas mesas e saem com seus veículos para entregar um lanche, uma sopa, um brinquedinho, uma palavra para aqueles que jazem nas ruas. Aqueles carros e aquelas pessoas tão bem arrumadas, pelo menos para as pessoas da rua, indo ali abraçá-las na sua imundície, levando aquelas lembranças. É realmente motivo de muita alegria. Nilson, que desde os seis cheira cola, já furtou, já esteve em reformatório, recebeu das mãos da bela Mariana um lindo carrinho. Não se furtou a pedir um abraço daquela moça que mais parecia um anjo, mas o que lhe fascinou foi aquele lindo brinquedo, réplica perfeita dos que ele via nos desenhos animados pelas lojas de TV. Saindo de perto da turba à espera de presentes, amarrou um barbante velho, encontrado no chão, em seu carro e saiu pelas calçadas levando seu carrinho, que lhe custou a garrafa de água mineral cheia de cola de sapateiro que cheirava no momento que a caravana chegou. Nilson era só felicidade arrastando aquele carrinho por entre o lixo e os postes. Perdendo a noção de tempo, ele caminhou e caminhou fazendo com a sua boca um *vrum vrum* automobilístico e sonhando cada vez mais alto.

Quando viu, Nilson estava cercado por outros meninos, visivelmente, alterados pela ação dos entorpecentes. Em uma enxurrada de palavrões e ofensas, Nilson é derrubado e agredido, e ao verem o carro novo que ele arrastava, perguntaram em tom de zombaria onde ele havia roubado aquele brinquedo. O menino só fazia chorar de dor e saiu sem o brinquedo; os meninos saíram correndo gritando o velho ditado "Ladrão que rouba ladrão...".

O vento sibilava entre as ruas da metrópole vazia, e Nilson, ferido, chorava a dor física e a dor do presente que havia lhe dado tanta alegria. Caminhar pelas ruas era o que lhe restava agora. Pelas ruas, ouvia-se o barulho dos carros. Talvez fossem bêbados ou, quem sabe, grupos de extermínio de menores que

dariam cabo de vez de sua vida naquele Natal. Os faróis do carro miram sobre ele e sai Mariana de um dos carros e vendo-o ferido e cabisbaixo, chama os outros da caravana, que levam Nilson a um Hospital para o atendimento primário. Por sugestão da própria Mariana, Nilson foi convidado a passar o resto da noite com eles, distribuindo os presentes que ainda faltavam.

Recuperado, Nilson virou o "xodó" da caravana. Na última entrega, onde o lanche já era pouco e faltavam presentes, ajudou a acordar um grupo de garotos que dormia envolto em jornais, ensaiando o seu primeiro "Boa noite, irmão", quando se viu quase tropeçando no carro que outrora foi seu, no meio dos pertences dos meninos.

Trilha sonora

Na casa da família Rocha, em pequeno bairro do subúrbio de Curitiba, iniciava mais uma comemoração de Natal. A juventude povoa o ambiente com as músicas da última moda em alto volume, enquanto os mais velhos tentam conversar regados a vinhos e bolinhos de bacalhau.

O apartamento alistou-se involuntariamente numa batalha de *Jingle Bells*, digo, decibéis, entre ritmos e batidas, às portas da meia-noite. Luciana, perdida dentro da própria residência, busca refúgio na cozinha, onde contraditoriamente esperava-se um barulho menor.

Ao observar uma daquelas caixas de cereais, Luciana vê no verso da mesma um compêndio com a letra de antigas canções de natal. Absorta na leitura daquele rótulo, Luciana se vê em um microssegundo transportada para aquela manjedoura humilde onde aquela estrela pousou indicando o nascimento do Deus Menino.

Acordes estridentes trazem Luciana de volta à realidade do apartamento e uma briga pela decisão sobre o próximo disco a ser executado transforma a sala em um pandemônio, onde gerações discutem as suas opções culturais.

Luciana derrama uma pequena lágrima. Não sabe bem para quê. Sabe o porquê. Pela ausência do que as cantigas entoavam, o chamado espírito de Natal. Aprisionado em uma caixa de cereais.

O Natal da mata

Na floresta é tudo vida, é tudo profusão. O canto dos pássaros anima as manhãs. Os macacos, nossos parentes mais próximos, agitam os galhos com a sua gritaria, enquanto os animais rastejantes passeiam lentamente pelo solo. Araras multicoloridas alegam o ambiente tornando-o também multicolorido. Na mata, a vida surge de várias formas e matizes. No verme, no inseto, no mamífero, no réptil. Tudo é vida, mas nem tudo é movimento. Quis assim o criador, a permear a vida por cada espaço desse mundão.

E no meio dessa mata, entre as árvores colossais, uma árvore se apresenta diferente das outras. Naquela manhã, uma árvore havia se transmutado, enfeitada agora com bolas de vidro reluzentes e multicoloridas penduradas na ponta de seus galhos. Sinos e outros adereços espalhados pelo seu caule contrapõe-se a uma extensa faixa aveludada e prateada a envolver toda a sua extensão. E no seu cume, brilhante e resplandecente, paira fincada uma bela estrela.

Os bichos da mata, ressabiados pelas tantas mazelas que já provaram nos últimos tempos, chegam aos poucos para admirar aquela quebra na rotina da floresta. As araras, aos poucos, se aproximam enquanto os macacos emitem sonoras gargalhadas frente àquela combinação de cores. As serpentes tentam abocanhar as bolas de vidro sem sucesso, na busca de ovos suculentos. Os índios aproximam-se, com seus curumins, para mostrar aquela novidade sem, no entanto, entender o que levou alguém a enfeitar daquela maneira o que Tupã já havia feito com tanta maestria.

Logo, na clareira que morava aquela árvore aninhou-se a diversidade da floresta em torno daquela novidade. Todos em um misto de espanto e admiração pela árvore toda enfeitada. Dias quentes se passaram, até que no sexto dia do ano, surge um pequeno menino branco, com uma larga sacola. Ao ver os índios, cultuando a árvore que jazia envolta de bichos, abre um largo sorriso.

Abeirando-se daquela turba, o menino vai recolhendo um a um os adereços da árvore, colocando-os na bolsa e trazendo-a para seu estado natural. Mais boquiabertos ainda, os índios e os animais, por sinalização universal, perguntam o porquê daquilo. O menino, utilizando elementos da própria natureza, expressa a eles que Deus tudo criou e que em um dado momento da Terra, nasceu Nosso Senhor Jesus Cristo para redenção de todos nós. E o seu nascimento era comemorado pelos homens, em um período que se cultivava a paz, chamado Natal, e a árvore era um símbolo já antigo dessa época.

Espantou o menino observar que aquele culto ao criador não era estranho a eles, que também tinham nos seus deuses esse ideal da paz. A mensagem de amor também tinha ali a sua linguagem, em símbolos outros e, com certeza, se não conheciam Nosso Senhor como ele conhecia, conheciam e viviam algo, ainda que latente de sua mensagem e que o ideal transcende a carapaça corporal que nos esconde.

Ao fim do dia, une-se o menino aos índios e aos animais, em uma canção sem letra, que lembra o Natal, que lembra o criador, que lembra a vida. Que lembra que ainda precisamos de símbolos para nos lembrar desses sentimentos.

Presente

No meio daquela turba que se acotovelava entre a rua e a calçada, seu Francisco caminhava, meio que perdido, atônito naquele rio de gente. Importados, brinquedos associados a programas de TV, brinquedos orientais construídos com mão de obra quase escrava. Aquele Natal estava povoado de novidades eletroeletrônicas a fascinar as crianças e já era dia 24 e todos deixavam para última hora ou para a última moeda a compra dos presentes.

Seguia seu Francisco na busca do presente para seu filho Marcelo, 10 anos, garoto estudioso que merecia naquele Natal de Papai Noel – se bem que ele já não acreditava mais nisso – um grande presente. Aliando as poucas possibilidades às largas passadas, Francisco olhava algumas lojas, consultava alguns folhetos, abordava os ambulantes. Quando já terminava a rua onde se concentrava a maioria das lojas, ele parou para tomar um mate – ninguém é de ferro – quando vislumbrou o que tanto buscava. Um caminhão “Superforça” igualzinho ao do seriado da TV que seu filho acompanhava tão assiduamente.

Deixando pela metade o seu açucarado mate, Francisco invade a loja e compra a última unidade do estoque. Desprovido de grandes habilidades manuais, Francisco pede que o caminhão seja embrulhado para presente. Após esse périplo, ele enfrenta um ônibus com o “caminhão” embaixo do braço. Lá pelo meio da viagem, Francisco consegue um lugar e cai em um profundo cochilo, se escorando no recém-adquirido presente. Ao chegar a casa, aquela entrada estratégica para esconder no alto do armário o enorme presente.

*

Manhã de Natal.

A árvore já está carregada de presentes colocados na madrugada pelos “Papais Noéis”. As crianças da casa, os primos e sobrinhos acordam e correm em polvorosa para a árvore para ver o que lhes reserva para aquele ano. Marcelo, aquele do

caminhão "Superforça", emite um olhar de confiança para seu Francisco e sai pela montanha de presentes à procura daquele que tem seu nome estampado. Ao encontrar pacote tão volumoso, seu sorriso é invejável. Avidamente, abre o pacote e quando vê a caixa e identifica o caminhão "Superforça" dá um grito de alegria e sai correndo para abraçar seu Francisco. Este insiste que o menino abra logo a caixa e vá curtir seu presente.

Mas, quando Marcelo abre a caixa se defronta com uma surpresa. O que era para ser um caminhão, mesmo frágil como todas as coisas fabricadas hoje em dia, era apenas um conjunto de partes quebradas. Pensando que o caminhão carecia de montagem, o pai tentou consolar o menino. Mas, ao se defrontar com o conteúdo da caixa, nota que seu cochilo no ônibus e a "delicadeza" dos passageiros na descida geraram aquele chassi separado das rodas, separado da carroceria que estava em três pedaços misturados com o eixo.

Marcelo, em um misto de decepção e revolta, começa a esbravejar com o pai, declarando a sua ineficiência em dar um presente e como ele era um péssimo pai, que não amava seu filho. Palavras, ainda que copiadas de *clichês* televisivos, agridem fundo quem as ouve. Como se não bastasse, jogou o brinquedo no chão e saiu correndo para o quarto enquanto seus pequenos parentes se deleitavam com seus novos presentes.

Seu Francisco, homem fortalecido pelas batalhas da vida, vai ao quarto de Marcelo, repleto de brinquedos, onde o mesmo se encastelava em sua cama. Sabendo que seu filho o ouvia, apesar de não demonstrar, fala com muito amor no coração:

- "Filho, esse presente teve falhas... mas eu, seu pai, estive sempre presente na tua vida, nos teus momentos mais difíceis e nos mais felizes, te dando o presente do meu exemplo e do meu carinho. Esse presente, filho, não se quebra, não se destrói."

Marcelo resmungou tortas palavras e continuou trancado no quarto e emburrado alguns dias. Mas, com o tempo, a vida lhe mostrou como seu pai estava certo, quando da sua presença ele se viu privado por diversos natais.

Calendário

Como ele foi parar ali na rua, ninguém se lembra mais. Walfrido já era parte da paisagem daquela praça na pequena cidade de Miradouro, interior do país. Cantarolava, gritava, dormia pelas marquises. Dizem que ele ficou assim após uma decepção amorosa. Muitos o apedrejavam. Outros, penalizados, ofereciam-lhe prato de comida. Quando lhe oferecia trabalho, recusava sempre. Dizia preferir aquela vida.

*

Chegava o Natal e naquele ano, a cidade tinha reformado e ampliado a sua paróquia. Com a chegada do Padre João, as pastorais haviam se revigorado e diversos trabalhos na área social haviam sido implementados ou revitalizados. O que trazia maior número de empolgados era o "Sopão do amor", cujos fiéis saíam em seus automóveis distribuindo sopa nas noites frias, acompanhada de um caloroso abraço e da palavra amiga.

Walfrido continuava pela rua, mexia com os garotos da feira, confundia o nome do padre da cidade, fazia serenata no pé da sacada da Câmara dos Vereadores. Quando a fome apertava, esmolava na porta da prefeitura ou saciava seus anseios com frutas colhidas direto das árvores. Mas naquela tarde ele notava na cidade uma agitação diferente. Decoração, burburinhos. Algo estava para acontecer.

Enquanto isso, o "Sopão do amor" saía do campo das ideias e se tornava um evento concreto. Descascam-se batatas, lavam-se latas, busca-se o pão. Os amigos usam a cozinha do único restaurante da cidade, de sociedade de um dos fiéis, para instalar a linha de montagem da sopa, com muitas músicas e sorrisos. Outros irmãos de outros credos, ao saberem da sopa, engrossaram as fileiras do trabalho cristão e, em breve, sairia uma pequena caravana de três carros repleta de sopas, cobertores e brinquedos, em plena noite de Natal. Casas de enfermos, pessoas mais pobres da área rural, todos foram

aquinhoados com uma visita daquele grupo de amigos que movido pelo ideal da fé, reproduzia ali em gestos o Natal.

Já no fim da caravana, encontram pela praça Walfrido jogado e dormindo. Envolto de compaixão, rodeiam o homem e erguem a ele uma oração, deixando ao lado de seus humildes pertences a sopa e o pão, despedindo-se com um carinhoso afago. Este carinho acorda Walfrido, que vê aquelas pessoas indo embora, cantando e sorrindo e olha para o lado, vendo aquela que seria a solução de seus problemas imediatos. Enquanto devorava a sopa vorazmente, Walfrido se pergunta por que aquelas pessoas haviam saído de suas casas e tinham ido ali se preocupar com ele. Enquanto limpava o rosto com um velho papel, vê se tratar de um calendário, que o leva a pequenas contas no dedo, que o conduzem a concluir: Estávamos no Natal. Foi o Natal que motivou aquelas pessoas a virem ali, afagá-lo, alimentá-lo. O Natal... coisa tão distante para a memória de Walfrido. Mas o Natal estava ali naquelas pessoas, convidando-o também para romper aquelas amarras e talvez se dar o maior presente de sua vida, que era libertar-se daquela inércia. Pela primeira vez ele notava as estrelas, notava seu corpo tão perfeito. Notava agora Walfrido, olhando aquele calendário, o tempo que se passou e que ele perdeu. Levantava-se, sendo o mesmo Walfrido, mas agora com novas disposições, nascidas na manjedoura de seu coração.

A vela

Na vila da amendoeira, morada de antigas famílias de estivadores, todos se uniram para decorar a rua para os festejos natalinos. Iluminação nas árvores, a efígie de Papai Noel nas portas e enfeites luminosos no portão.

Como em tempos de Copa do Mundo, uma velada competição pela casa mais decorada se instala e idas seguidas ao comércio suprem os arroubos dos moradores na busca de fazer da sua fachada a mais bela. Alguns falam até da distribuição de prêmios.

Dona Felisberta, entretanto, cujo filho havia chegado de uma viagem a serviço no exterior, recebera de presente deste uma robusta e enfeitada vela natalina. Felisberta exibiu seu presente "King Size", instalando-o defronte de uma de suas janelas, de modo que todos os vizinhos e transeuntes pudessem ver da rua o seu enfeite. Fez a vela se acompanhar de uma plêiade de velas menores, formando um verdadeiro castiçal natalino.

Os vizinhos incomodados saíram ávidos pelo comércio, buscando na internet, importadoras e até na fábrica de velas da cidade vizinha um artefato que pudesse fazer frente ao aparato de Dona Felisberta. Com arranjos e combinações diversas, incluindo até acendimento elétrico, conjuntos de velas se instalaram nas residências daquela vila.

Max, cabo do corpo de bombeiros, proibiu a sua esposa de tal extravagância, por motivos de segurança. Esta, aproveitando-se que este trabalharia na véspera de Natal, também montou em sigilo o seu lampadário de Natal.

Na véspera de Natal, todos acenderam as suas velas e já próximo da meia-noite, em caravana seguiam de casa em casa um séquito de aldeões observando e tecendo comentários sobre os arranjos de velas, estabelecendo um *ranking* mental que vai se tornando cada vez mais ostensivo.

Na casa de Dona Felisberta foi a culminância da procissão. Todos se acotovelaram na pequena morada para ver a vela trazida do estrangeiro. Na confusão daquele grupo de pessoas em tão humilde e reduzido lar, uma das pessoas esbarra em uma vela, que em um *efeito dominó* faz daquele adereço natalino um

imenso incêndio de volumosas labaredas, alimentado pela árvore de Natal, presentes e demais inflamáveis.

A correria é geral. Água para cá, extintor para lá e somente com a chegada do Corpo de Bombeiros, tendo a frente o Cabo Max, que o fogo se extingue sem vítimas, ainda que deixasse de herança um grande prejuízo.

Entre prantos e correrias terminou a noite de Natal, onde a fraternidade dos vizinhos acolheu Dona Felisberta e sua família, para aproveitar um pouco do Natal iluminado pelas velas, que já estavam no seu final.

Natal trabalhoso

Seu Jeremias não conseguia manter seu padrão de vida após a aposentadoria. Por mais que apertasse o cinto, no fim do mês tinha que cortar algum "supérfluo". Começou com o queijo, depois o refrigerante, depois as revistas. Não tinha mais o que cortar. Chegava o fim do ano e as festas Natalinas iriam consumir o que ele já não tinha: presentes, mesas lautas, bebidas. Isso tudo deprimia seu Jeremias, já não tão jovem para superar essas situações.

Sem esperanças, seu Jeremias resolve folhear um matutino, quando vê em um dos anúncios de uma grande cadeia de lojas um homem, já da sua idade, vestido de Papai Noel. Ora, mas essa seria a grande ideia. Aproveitaria de sua idade, de sua barba e barriga e ganharia um troquinho como Papai Noel para poder resolver as pendências financeiras do fim do ano. Arregaçando as mangas, Jeremias logo conseguiu o emprego de Papai Noel em uma loja de brinquedos e desde o décimo dia antes do Natal saía de sua residência com a sua farda escarlate para o labor diário.

Entre distribuições de sorrisos, crianças atemorizadas e pedidos impossíveis, os dias se passaram. Mas na véspera de Natal, seu Jeremias tentava despachar rapidamente a fila de crianças que se avolumava para chegar em casa e desfrutar a festa que tanto esforço lhe custou naqueles dias quentes. Enquanto a família trabalhava esfuziantemente, seu Jeremias conseguiu uma dispensa, lá pelas 22h para poder seguir para seu humilde lar. Trajado ainda de bom velhinho, seu Jeremias entra no coletivo onde o motorista esbravejava por passar mais um Natal trabalhando. Sem se ater muito a tais lamentações, cochila até ser acordado pelo apito estridente do guarda de trânsito. Ao perceber que se aproximava de sua residência, Jeremias tocou a sineta e rapidamente desceu. Desceu demais. Um tombo daquele Papai Noel do coletivo espantou o ônibus todo. A multidão se forma e em breve camelôs, transeuntes, comerciantes se ajuntam para ajudar o seu Jeremias. Logo chega uma ambulância e um senhor mais precavido pega, com ele, o

número da casa de seu Jeremias e liga para avisar os seus do ocorrido.

Já no hospital, após alguns pontos e alguns medicamentos, seu Jeremias recebe a visita dos seus familiares quando já beirava à meia noite. Médicos e enfermeiros se abraçam enquanto a família de seu Jeremias, em silêncio, reflete no Natal como mais que uma hora predeterminada e sim como um sentimento que deve se espalhar pelos corações.

Bye, bye, Noel

Mais um Natal. Após vinte dias de calor sentado no Shopping, em um grande trono vermelho, rodeado de crianças, chegara a hora do descanso. Mal sabia como arrumara aquele emprego de Papai Noel no Shopping. Não tinha nem filhos, mas no fundo, aquela grana estava fazendo falta. Compensou o calor, os pedidos descabidos, as crianças malcriadas, os pais que abusam da boa vontade do "Bom velhinho". Agora ele podia seguir calmamente pelas ruas, dourando a sua barba rumo ao consumo de suas economias de Natal.

Ao entrar em uma loja de confeitos, dessas que derrubam qualquer um desses regimes da moda, o obeso barbudo abeira-se do balcão e estende a sua lista de guloseimas para recheiar a sua geladeira naquele fim de semana. Enquanto o atendente recolhe a extensa coleção de quitutes, uma voz infantil corta o silêncio da loja:

– *"Papai Noel! Papai Noel! Mamãe, o Papai Noel está aqui na loja!"*

A origem da voz é um pequeno menino que sai do interior de um corredor de produtos e se agarra na perna do ex-Papai Noel gritando:

– *"Papai Noel, obrigado pelo presente. O senhor me deu tudo aquilo que eu pedi no Shopping."*

Encabulado, o ex-Papai Noel se vira para a mãe do pequeno com um olhar de Herodes, tentando se defender:

– *"Minha senhora, contenha seu filho, por favor!"*

A mãe, decepcionada com a situação, retira o seu filho carinhosamente, enquanto este reluta, gritando cada vez mais, com lágrimas nos olhos:

– *"Não, mamãe! Não, mamãe! Me deixa abraçar o Papai Noel!"*

O ex-Papai Noel, vermelho como um pimentão, vira-se para o balconista com um sorriso amarelo e diz:

– *"Ah, essas crianças de hoje em dia ..."*

A mãe, usando de muito tato e um pouco de força física, consegue retirar o menino da loja, que segue gritando desesperadamente pelo seu "Papai Noel".

O balconista, vitimado daquela curiosidade típica dos balconistas, não resiste e pergunta ao ex-Papai Noel:

– *"Ora, o que deu no menino? Ele te confundiu com algum conhecido?"*

– *"Pois é. Passam os anos e ainda ficam enganando as crianças com essas coisas de Papai Noel. Criança vive mesmo no mundo da fantasia!"*

E seguiu para o seu lar para degustar suas delícias.

Remake do Natal

Fazendo da nossa imaginação um carro de viagem que nos leve a qualquer situação ou contexto, imaginemos que uma parte, uma fração, um milésimo de Nosso Senhor Jesus Cristo nascesse nos dias de hoje. Como essa parte agiria? Bem, divaguemos.

Acordaria cedo, bem verdade. Mas, acordaria feliz. Com um sorriso, agradeceria as bênçãos da vida, do trabalho da natureza. Com um grande abraço, cumprimentaria calorosamente seu pai, sua mãe e seus irmãos. Um café frugal e simples e sairia para trabalhar. Caminhando pela rua, cumprimentaria todos que conhecesse ou não. No seu ambiente de trabalho, respeitaria as leis vigentes e não permitiria jamais que a competitividade supere seu desejo de cooperar, com bom ânimo e empolgação para fazer o melhor.

Quando visse um colega de trabalho triste, não se omitiria de oferecer um ombro fraterno para o desabafo. Pouco falaria de si e os que o ofenderam ou atacaram-no, perdoaria no seu íntimo. Juntaria, em campanhas constantes, valores e objetos para ajudar os funcionários mais carentes. Na hora do almoço, interromperia sempre a sua conversação edificante para reunir o pessoal em um coral improvisado montado pelos funcionários, que alegrava sempre o asilo próximo à empresa.

Quando concluísse seus deveres diários e não houvesse nenhum companheiro em dificuldade, sairia mansamente de seu trabalho, com a mente povoada de pensamentos edificantes e um sorriso promissor, ainda que a rua se demonstrasse suja e cheia de pichações. Sujeiras fora das latas, ele recolheria; idosos carregando pesadas bolsas, ele ajudaria; animais feridos, ele socorreria. À noite, quando não se ocupasse do estudo edificante ou do convívio fraterno com os seus, iria voluntariamente até um local onde jovens compravam drogas, para através do diálogo convencê-los a deixar aquela vida. Com suas economias, compraria alimentos para distribuir semanalmente aos que moravam nas ruas, brindando-os também com seu apoio fraterno. Participaria das decisões da coletividade, não se

omitindo de seus deveres de cidadão. Ao fim do dia, faria um exame de consciência, onde verificaria o bem que poderia ter feito e o que poderia ter melhorado em suas aspirações e atitudes.

Pois bem, com certeza, Nosso Senhor Jesus Cristo, após a sua vinda à Terra, quando comemoramos solenemente no seu Natal, nos deixou algumas sementes de sua mensagem que, com certeza, passam pelo mundo sem alarde, sem pompa, como parte do que ele significa e de que insistimos em nos esquecer.

Folia

Com maestria, as cordas da viola são dedilhadas à porta de cada residência. Violeiros devotos, em coro uníssono de vozes acostumadas à luta cotidiana, abeiram-se das humildes portas para cantar o nascimento do Deus Menino.

O vento sibilante pelas ruelas não desanimam aqueles que sustentam a tradição de, amparados pelo luar, cantar até o nascer do sol as glórias daquele dia tão significativo na história da humanidade. Residência após residência, segue a folia renovando a fé e a esperança de todo povo.

Naquele ano, já se aproximava o início do amanhecer e a folia, já exaurida, completava o que julgava ser a última visita daquela noite. Os amigos cantadores já começavam a guardar os seus instrumentos, quando Geraldo, um dos cantadores mais antigos, começa a soluçar em prantos. Os amigos logo acodem o companheiro, que desabafa que seu filho padecia de doença em estado terminal, e que tinha certeza que daquele Natal ele não passaria.

Os amigos, após levar a lembrança da noite de Belém a tantos lares, não tinham o que dizer para consolar o amigo que estava sempre à frente da ação de fé de todo final de ano. Caminhavam então, abraçados, no retorno para suas residências, mudos e preocupados com o destino do menino.

Ao se despedir de seus amigos, Geraldo caminha para sua casa, mentalizando as cantigas de Santos Reis, agarrando-se firmemente a sua viola com coloridas fitas amarradas.

Ao ver sua residência que ficava no pé de uma elevação, nota vultos ao seu redor, o que aumenta a sua preocupação e o faz apertar o passo. Ao aproximar-se, ele vê bois, burros e carneiros deitados em volta do seu lar, como que reverenciando-o.

Rapidamente, ele entra em casa e vai direto para o quarto do menino, que está sentado com a sua mãe, lendo uma passagem da bíblia. Geraldo abraça-os, afetuosamente, e pergunta se está tudo bem. O filho narrou que acordou com uma luz clara na janela e viu uma grande folia com muitos violeiros cantando belas cantigas. O filho acordou a mãe e ficaram todos da janela

olhando a folia. Ao final, a dona da casa ofereceu a esmola de costume, onde os violeiros disseram não ser preciso, afastando-se para trás da serra.

A mulher interroga Geraldo se ele sabia de outra folia que também estava cantando nas redondezas. Geraldo acena a cabeça negativamente. E seu filho passou dezenas de natais ainda junto de sua família.

Balas de Natal

A guerra é uma experiência que ninguém deseja passar. Pessoas se matando, munidas de equipamentos próprios para isso, diante do frio, da noite, da doença e do calor. Lutas nas quais o homem desce aos níveis de selvageria, próprios de seus ancestrais. Mas em uma trincheira hipotética, de uma guerra imaginária, os tiros cortam o ar e as granadas explodem sobre a cabeça de bravos guerreiros.

Naquele dia, quando já duravam três meses de conflito, um jovem soldado, caminhando por entre as suas tropas entrincheiradas, pisa em algo quebradiço. Ao olhar, pensando ser um detonador, verifica-se tratar de uma bola de vidro, destas que colocamos nas árvores de Natal. Ao ver aquela imagem, procura seu companheiro que marcava os dias com riscos em uma árvore. Ao contabilizar a última data sabida, verificam tratar-se aquele dia do dia 25 de dezembro. Rapidamente, informaram ao Capitão tão significativo fato e este, entre mapas e estratégias, ignorou, à primeira vista a informação. Mas pela insistência dos jovens soldados, o Capitão resolveu reunir a tropa e mantendo apenas as sentinelas, autoriza que todos façam juntos uma oração naquele dia, lembrando seus familiares.

Durante o pequeno culto, a presença do Cristo foi lembrada. Um dos soldados, no momento final das orações, pede pelos inimigos. Um clima de estranheza paira pelo ar. Alguns ameaçam sair, mas o soldado que ousou tal pedido explica que o inimigo também teve sua origem no pai. E que era Natal. O capitão, emocionado por aquele momento, resolve que um soldado levaria ao campo inimigo um presente, um pedido de trégua por aquele dia. Então, uma pequena bíblia é embrulhada e o soldado que elevou a oração em favor dos inimigos é escolhido, para desarmado, levar o presente até o campo dos opositores.

Agora assustado pela possibilidade de ser alvejado, o soldado segue, segurando firmemente a bíblia rumo ao território inimigo. Lá chegando, é capturado pelas sentinelas e pede para ser levado ao comandante do grupo. Ao chegar no núcleo do exército inimigo, vê o grupo todo reunido, em oração, pedindo

fervorosamente pela paz com os inimigos. O soldado se identifica, entrega o presente meio que resabiado e ouve do comandante do grupo que aquela reunião se fez graças a um soldado que encontrou pelo chão um velho cartão de Natal, lembrando todos daquela data. Naquele momento, iniciava-se o primeiro passo rumo à paz tão desejada.

Arbustos e arvoredos

Era final de ano, férias escolares e os netos de dona Jandira viajam para o seu sítio para passar o mês de dezembro. Dona Jandira, cultivadora das tradições natalinas, solicita que seus petizes descubram no seu sítio qual a árvore que seria enfeitada para o Natal.

Árvores não faltavam no sítio. Frutíferas, frondosas, altas, grossas, tortas. Qual delas mereceria a honra de receber os enfeites representativos daquela tão majestosa data?

A comitiva de crianças caminha por entre as árvores avaliando as qualidades de cada espécie, quando uma mangueira logo de início é descartada por unanimidade, pois suas suculentas mangas atralhariam a colocação das bolas de vidro. A amendoeira apresentava-se alta e frondosa demais para tão pequenos enfeites.

Um dos netos propôs a goiabeira, reprovada pelos aspectos disformes de seu tronco. O pé de jamelão se tornou inviável, pois mancharia os presentes colocados ao seu pé. A parreira não sustentaria sequer um enfeite.

A dúvida perseguia as crianças que resolveram, então, levar à avó a proposta de comprar no comércio uma pequena árvore de plástico, como usada nas suas casas na cidade grande, para enfeitá-la no Natal.

Dona Jandira, saudosa dos antigos Natais, propôs aos netos uma ideia. Foram ao jardim do sítio e colheram todo tipo de flor: begônia, rosas, cravos, jasmims, gerânios. Com essas flores, em um grande mutirão, eles enfeitaram todas as árvores do sítio.

O local foi tomado de beleza natural e a avó, em tom solene, dirigiu-lhes a palavra:

– “Meus netos, naquela noite magnífica, assim se encheu a manjedoura. De uma beleza simples, porém, verdadeira.”

A revolta

Após as eleições na cidade de Ribeira Branca, o novo prefeito já empossado, Sr. Armando Souza, inicia uma cruzada administrativa para revolucionar o município. Otimiza transportes, enxuga a máquina administrativa reduzindo funcionários, controla amiúde o material de consumo, supervisiona pessoalmente as obras e os serviços prestados. Buscando equilibrar as finanças. O prefeito Armando corta até o cafezinho em um gesto simbólico e lança uma bula de medidas a serem implementadas no prazo de três meses. Dentre essas medidas, uma causou desconforto entre os habitantes, já perplexos.

Na busca de aumentar o produto interno, o prefeito Armando achava que os feriados interrompiam o ritmo do trabalho e que gerava o fenômeno de "enforcamento" às sextas-feiras quando o feriado era na quinta e gerava semanas improdutivas, como no caso do carnaval e das festas de fim de ano, quando nada se fazia nos interstícios dos feriados, citando a famosa "Quinta-feira de cinzas", a qual todos enforcavam. Em uma visão da modernidade, da produção, o emérito administrador desejava condensar todos os feriados. Pois é, condensar todos os feriados, os quais ele contabilizou um total de quinze dias a serem "dados" no mês de janeiro, pleno verão, de forma corrida, quando todos poderiam se planejar, e para as atividades não essenciais, nos moldes de férias coletivas, maneira que estimularia no final a arrecadação com diversão no período. Falava o prefeito até em uma vida mais saudável após essa medida. Como toda ideia, gerou polarizações. O grupo dos empresários e comerciantes, que sempre trabalhavam, aderiram de pronto a ideia. Os funcionários públicos e assalariados se indignaram. Comerciantes que lucravam com estas datas festivas no seu círculo de vendas ameaçaram destituir o prefeito. Instituições religiosas vinculadas a certas datas festivas protestavam. Um jornal de grande circulação na cidade escreveu um editorial onde abordava a questão de que os feriados já haviam perdido seu sentido, tornando-se apenas um espaço para o lazer da população. A rede hoteleira vibrou com a novidade.

Mudança tão radical na vida das pessoas gerou uma conturbação social no pacato município de Ribeira Branca. Manifestações, passeatas, greves de fome, ovos arremessados na janela do prefeito. Mas apesar da resistência, o prefeito tinha a classe dominante ao seu lado e aos poucos foi esvaziando as resistências. O ano foi seguindo, em ritmo contínuo, sem feriados, apenas com os sábados e domingos. Ribeira Branca batia recordes de produtividade e a qualidade de vida aumentava a cada dia, graças aos projetos sociais do prefeito. No Natal, um pequeno grupo se reuniu após o trabalho, para uma oração lembrando a solene data. Mas a adesão foi baixa, pois a cidade funcionava normalmente e em virtude disso, o Ano Novo mereceu apenas uma pequena nota no rodapé do jornal local.

Aproximava-se o “Lazerzão”, apelido carinhoso dado pela população ao período de férias coletivas criado pela nova gestão. Todos se programavam para o tão merecido descanso. Viagens, atividades recreativas, *hobbies*. Cada um planejava usar aquele tempo, agora condensado, para seus projetos pessoais ou familiares. O prefeito, na busca de valorizar a sua ideia, lançou o “Manual dos quinze dias bem aproveitados”. Estocava-se comida, adiantava-se tudo para aqueles dias que seriam tão proveitosos.

Mas na véspera do primeiro dia, no fim da tarde, uma espessa formação de nuvens se avizinhou de Ribeira Branca trazida de um vento sul, anticiclone tropical, uma frente fria se instaurou na cidade, trazendo um período de quinze dias de chuvas que, pelo débito inesperado de água, gerou enchentes, cortes de energia, fazendo com que todos os setores trabalhassem em dobro para resguardar o seu patrimônio e o patrimônio público. Dias de aflição se seguiram, com famílias desabrigadas morando em escolas e água invadindo residências. Findo esse período, a população já desgastada, se articulou em uma passeata e defronte da prefeitura todos protestaram. A frustração exaltou a multidão, que inflamada pelos comerciantes que haviam perdido seus estoques, invadiu a prefeitura e o prefeito se viu destituído.

E Ribeira Branca voltou a ser a mesma. Com seus feriados, os quais todos cumpriam seus ritos, compravam seus presentes, cantavam suas canções e aproveitavam o seu lazer.

A mensagem gravada

- *"Tomada 1, câmera, ação."*
- *"Vereador Manoel, o rosto do senhor ainda está fora do foco da câmera. Chegue um pouco mais para a direita."*
- *"Senhor, não. Excelência! Fiz por merecer."* – resmunga o já impaciente vereador.
- *"Atenção, vamos nos concentrar. Mensagem de Natal, tomada única, luz, câmera, ação!"* – declara o já desanimado diretor.
- *"Prezados cidadãos do Município de Jacalândia. Gostaria de expressar os meus votos de um Feliz Natal e um Próspero Ano Novo, na certeza de que no próximo ano, nas eleições, continuaremos o nosso mandato de combate à corrupção e na ajuda dos menos favorecidos."*
- *"Corta!"* – grita o Diretor diante do espanto do vereador.
- *"Corta o quê?"* – reclama o legislador.
- *"Calma, excelência! É que o tempo de duração contratado se esgotou."*
- *"Ah, sim, e ficou bom?"*
- *"Claro, excelência! O senhor motivou todos os cidadãos, eleitores ou não."*

Com o ego amaciado, o vereador Manoel sai do estúdio de forma garbosa, como um herói que acabava de salvar a nação. Preocupado com a sua agenda atribulada de fim de ano, envolta em orçamentos e cerimônias, embarca em um táxi para apear próximo à Câmara dos Vereadores. Na entrada, já à noite, observa uma singela estrela que paira sobre o prédio da Câmara.

Após horas de reunião, o vereador fica pela janela observando aquela estrela que não se move, enquanto os demais vereadores se digladiam em um blá-blá-blá sem fim.

Na saída, o vereador Manoel fica intrigado com aquela estrela que continuava ali pousada sobre a Câmara. Pensa em ligar para a polícia, mas desiste ao pensar que isso poderia sujar sua imagem pública. Talvez fosse apenas mais um balão meteorológico. Quando ele pega seu celular para chamar mais

um táxi, a estrela começa a se mover lentamente, causando mais espanto ao vereador.

O vereador Manoel larga seu celular e sai a pé seguindo a estrela, com o olhar fixo e o coração palpitante. Seria um OVNI? Desvendaria a questão da vida em outros planetas? Ficaria ainda mais famoso?

Manoel segue por esquinas e vielas, com seu terno já suado, valise em punho, atrás da "estrela" andarilha. Por fim, a estrela paira sobre um beco, ampliando a sua luminosidade. Manoel, que não estava no auge de sua forma física, decepçiona-se ao descobrir onde culminara a sua jornada. Ao olhar para o beco, escuro e fétido, Manoel resolve voltar para casa e esquecer de vez aquela loucura. Afinal, seria hoje a estreia da sua mensagem de Natal na televisão e ele não poderia perder esse evento. Porém, um choro soluçante corta o silêncio de suas divagações.

Entre os latões de lixo e tábuas de madeira estava uma suja e maltrapilha criança febril. Manoel pergunta seu nome e ela balbucia:

– "*Jesus.*"

Entendendo a mensagem da estrela, Manoel toma a criança nos seus braços e leva-a para a sua casa, passando a cuidar dela como um filho, salvador daquele mundo. O mundo daquele vereador.

Faltou a luz

Mais um Natal na família Nagato. Família de bem sucedidos comerciantes, reúnem anualmente toda a família: primos distantes, sobrinhos, agregados. Enfim, todos se reúnem no seu sítio para a comemoração do Natal. A ceia é repleta de aves, suínos, frutas e doces típicos da época, e a fartura é imensa. Devido à diversidade de idades, várias opções foram estabelecidas pela senhora Nagato a fim de satisfazer suas visitas. Salas de vídeo, jogos eletrônicos, campo de futebol, mesa de pingue-pongue, bar, sala de musculação, piscina. Tudo disponibilizado para que todos se sintam à vontade. Mais um ano com a família reunida e alegre no sítio dos Nagato.

Mas o imprevisível armou uma das suas naquele ano. Uma casa de marimbondos se instalou na caixa de força e, fruto de uma falta de manutenção, fez com que todas aquelas luzes, aqueles chuveiros e aparelhos eletrônicos esquentassem o disjuntor que entrou em um processo comburente e combustível que transformou a caixa de força e a casa de marimbondos em uma rápida e destrutiva fogueira. Ao iniciar o fogo, a luz logo acabou e apesar do senhor Nagato ter corrido rapidamente com o extintor de seu automóvel para a caixa de força, o estrago já havia acontecido. Gritos tomaram conta do sítio imerso na escuridão da mata que o cerca. Os que dormiam acordaram com a confusão. Bola recolhida e vídeos encerrados. O que fazer agora? Pois na noite de Natal, próximo à meia-noite, nenhuma loja estaria aberta para atendê-los. Ainda mais ali no meio do mato.

Senhor Nagato chama todos para perto da mesa onde jazia acesa uma esquecida vela do fundo da gaveta. Acende a luz de seu relógio e vê que são 23:45h e começa o seu discurso:

– *"Perdoem-me pelo contratempo que estragou o nosso Natal. A vela que nos resta e as lanternas levarão quem já quiser ir dormir e os que tiverem fome poderão se servir à mesa."*

Interrompendo o senhor Nagato, levanta-se Pablo, namorado de Márcia Nagato, sobrinha do nobre anfitrião:

– *"Perdoem-me também a minha intromissão. Não pertença a essa família, ainda – sorrindo para Márcia – mas creio que há um equívoco aqui."*

A ousadia do jovem espanta todos e exalta o pai de Márcia. Mas sem permitir uma reação do público, ainda fragilizado pela escuridão, o jovem continua a sua exposição:

– *"Vejo que todos estávamos nos divertindo. Todos brincado, curtindo seus hobbies e preferências. E depois, à meia-noite, atacaríamos avidamente essa mesa repleta de quitutes e coisas gostosas. Pelo que Márcia me conta, é assim ano após ano. Falamos de futebol, de negócios, dos amigos e por fim dormimos para o fim de mais um feriado... O Natal não é isso!"*

Com essa frase o pai de Márcia se levanta:

– *"Ora, rapaz, respeite as tradições de nossa família, pois..."*

A própria senhora Nagato interrompe o cunhado com a voz firme:

– *"Permita que o rapaz se expresse. Continue, meu filho."*

– *"O Natal representa a comemoração do nascimento de Jesus, aquele que nos trouxe a mensagem da paz e do amor ao próximo. Nasceu em uma manjedoura simples, cercado de animais, filho de um carpinteiro, mas pelo seu exemplo nos mostrou a beleza das coisas de Deus. E com muito amor e fraternidade é que comemoramos esta data, estendendo ao irmão o nosso braço amigo. Se mesmo em família não existe esse sentimento fraternal, como estendê-los a outros?"*

Tomando para si a vela que estava sobre a mesa o senhor Nagato se levanta:

– *"Vejo que este jovem foi iluminado em suas palavras. Apagaram-se as luzes, mas acenderam-se outras em nossos corações. Diga, jovem, como podemos, agora, nos confraternizar no Natal se nos falta até a luz?"*

Tomando o violão que estava na mala de seu carro, Pablo convida a todos a se sentarem ao redor da mesa e sobre a luz daquela singela vela, encerram aquela noite de Natal cantando juntos, de mãos entrelaçadas e olhos úmidos, antigas canções de Natal, relembando aquela criança que um dia nasceu sob a luz de uma estrela.

Faça seu pedido

Na grande Belém, em uma casa simples, porém acolhedora, havia nascido o menino Jesus. Menino robusto, desde cedo teve contato com o mar, caminhando com a sua mãe para o mercado do Ver-o-peso. Sempre assistia ao Círio e acompanhava seu pai nas idas à Praia do Mosqueiro, para vender o artesanato em madeira que ele produzia.

Mas aquele dia era especial para o pequeno Jesus. Completaria doze primaveras e o seu cabelo negro já denotava feições de um rapazinho. Sua mãe, apesar das dificuldades reinantes, juntou uma modesta quantia para que naquele dia de dezembro pudesse presentear-lo. Seria uma festa singela, com a presença de alguns amigos e, por insistência do menino, a presença de alguns animais que ele ajudava o pai a criar com muito carinho.

A mãe se debulhava na tapioca e no doce de cupuaçu e já havia até chamado o padre da paróquia para dizer algumas palavras bonitas por ocasião do "Parabéns". Tudo pronto para o começo da festa, os convidados chegando, o som tocando e o burrinho amarrado à porta como solicitado pelo menino.

E cadê o menino? Jesus havia desaparecido de sua festa. Os convidados já queriam se lambuzar com os saborosos quitutes, mas Jesus havia desaparecido. Após uma procura incessante pela mata, pelas cachoeiras próximas, pela rua... ninguém sabia de Jesus. A cada menino moreninho que a mãe via, pensava ser seu filho. As crianças, inquietas, fruto de seu egocentrismo infantil, só pensavam em ir embora, quando o padre sugeriu sabiamente que as crianças trocassem entre si os presentes que seriam para Jesus, na busca de acalmá-los.

A noite caiu. Da festa nada ficou, além de uma leve música ao fundo.

Dia após dia, fotos no jornal, chamadas em praça pública e ninguém mais sabia daquele pobre menino belenense, filho único, que tanta alegria trouxe aos seus.

A verdade é que Jesus havia desaparecido e a cada ano, naquela data, seus pais lembravam, saudosos, daquela

ocorrência. Faziam pequenas trouxas de roupas e alimentos e distribuíaam naquela data a várias crianças pobres da grande Belém. Do mais, ninguém recordava de Jesus. Naquele dia do mês de dezembro, mais um Jesus desaparecia de sua festa. Se o primeiro, que fez de sua vida uma mensagem já havia sido esquecido, o que dizer do segundo, que mal iniciou a sua jornada.

Rei mago

Não sabia bem o que o levou a estar ali. Na verdade, estava preso, cumpria pena por uma soma de pequenos delitos na busca de atender as suas ambições materiais. Era prisioneiro e estávamos na noite de Natal.

Buscando alguma reflexão aproveitando os momentos fora da cela, aguardando o início da ceia, sobe a um recanto isolado do presídio, onde naquela singela noite estrelada ele pudesse ver o céu. Estava um céu lindo, com as constelações refletindo o pensamento humano de milênios. Ele começa a pensar na grandeza do universo, olhando então para as suas mãos tão bem trabalhadas, perfeitas e tão mal utilizadas. Pensa no que tinha feito com cada uma daquelas mãos. Olha para os seus pés, pés reais, pés perfeitos que o permitiriam seguir por onde seu espírito quisesse. O seu cérebro, máquina tão complexa como as estrelas, permitia a ele entender aquilo tudo.

Ele olhava para si refletido nas estrelas e se via um rei, um rei de potencialidades que estava desperdiçando os seus tesouros: a saúde, o tempo, os sentidos? Era senhor de seu destino e como monarca imprevidente e bêbado pelo poder, conduzia seu reino para a destruição.

Ao fundo ele via uma brilhante estrela. Uma estrela com o brilho incomum, que se destacava das demais. Teria sido assim a estrela de Belém que guiou os Reis Magos até o menino Jesus?

O homem se levanta, altivo. Olha para as estrelas que naquela noite mais uma vez testemunham a história dos homens, indicando outra vez o caminho para um pobre rei. Ele levanta agora tomado de outras disposições, munido de presentes, que ao final da sua jornada ele ofertaria a criança nascida da manjedoura.

Escalas e escolhas

Dr. Tadeu, jovem médico, termina o seu plantão de domingo, exausto, pela série de atendimentos traumáticos ocorridos. Médico sensível à dor das pessoas, atencioso ao indivíduo por trás do paciente, terminava mais um plantão exaurido em suas forças. Tentando se revigorar com um poderoso copo de café expresso, detém-se diante do mural com a escalação de plantões para o mês de dezembro. O nome do Dr. Tadeu figura luminoso no dia 30 para o dia 31, véspera de Ano Novo, com um florido bilhete da Dr.^a Cíntia, dizendo:

– *"Tadeu, se você quiser trocar o Natal pelo Ano novo, ligue para mim!"*

Dr. Tadeu coça a cabeça cansada, perguntando-se se deveria aceitar a troca ou não, afinal, o Ano Novo era quando ele geralmente ia para uma grande comemoração na casa de praia dos seus amigos. Os últimos três anos haviam sido muito bons, com bebida de primeira qualidade e com uma constelação de belas mulheres. O Natal, no entanto, era aquela festa chata e monótona, na qual os desafetos de família se encontravam para esconder suas diferenças, sob o manto da hipocrisia.

Sentou-se para sentir melhor o sabor do seu café de máquina e lembrou-se de sua mãe. Ela já estava debilitada em sua saúde e viúva, tendo lhe telefonado solicitando a sua presença na festa de Natal, pois sentia muito a sua falta, desde que havia ido morar em outra cidade. Sua namorada também havia pedido a sua presença no Natal, pois ela viajaria no Ano Novo com a família e sentia muito a sua falta nas festas de fim de ano.

– *"Ser ou não ser, eis a questão?"* – pensava o Dr. Tadeu imerso na dúvida cruel.

O café já estava terminando e o corpo cansado já não sabia o que decidir sobre qual feriado deveria ser sacrificado. É bem verdade, pensava ele brincando com a borda do copo, que o Ano Novo tem grande incidência de acidentes automobilísticos, principalmente por causa do álcool, o que fazia dos plantões nessa data extremamente estressantes. No Natal poderia ter um plantão mais tranquilo, pensava, tendo o álibi perfeito para evitar

as transtornantes reuniões de família, ligando para a mãe e para a namorada.

Aparentemente a decisão estava tomada. Dr. Tadeu pega o seu telefone celular e envia uma mensagem para a Dr.^a Cíntia, informando-lhe a sua decisão afirmativa de aceitar a troca de plantão do Ano Novo pelo Natal.

Do outro lado da cidade o aparelho móvel celular vibra com uma mensagem que faz Dr.^a Cíntia abraçar seu marido e seus filhos. Afinal, passariam mais um ano juntos no Natal. Presente melhor ela não poderia receber.

Mundo infantil

Geraldinho era uma criança quieta. Passava o dia, após a chegada da escola, em frente ao aparelho de TV. Desenhos animados diversos, de diversos países animavam as tardes do menino até a chegada de seus pais do trabalho.

Aproximava-se o final do ano, mês de dezembro, e as redes televisivas invadiam a programação de especiais e programas com motivos natalinos. Propagandas com Papai Noel, renas, velas, árvores, as últimas novidades da indústria de brinquedos desfilam animadamente diante dos olhos infantis. A programação de desenhos animados tem seu cenário todo transportado para um inverno nevado, onde heróis e protagonistas já conhecidos contracenam com o "Bom Velhinho" e a sua simbologia, reforçando sempre a importância de cada criança receber o seu presente na noite de Natal. Geraldinho assiste atentamente cada episódio de seus desenhos, no qual aquela figura trajada de vermelho e de barbas brancas assume papel de destaque junto aos personagens principais.

Seu pai, senhor Haroldo, inspirado pela conversa com amigos mais religiosos, resolve em uma noite de quarta-feira, conversar com seu filho sobre o significado do Natal, pois ele já tinha sete anos e o pai julgava aquele assunto importantíssimo. Sentando Geraldinho no seu colo, ele inicia a preleção:

– "Geraldinho, meu filho. Como você bem sabe, o seu pai é uma pessoa muito religiosa. Estamos próximos do Natal e vejo que está na hora de você começar a entender esta festa cristã. O Natal, meu filho, é a festa a qual comemoramos o Nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo, que veio ao mundo nos salvar do pecado, do orgulho e do egoísmo, nascido da Virgem..."

O menino em um ato de indignação, pula do colo do pai e fala, rispidamente, balançando a cabeça negativamente.

– "Ora, pai, você está me enganando! Jesus? Não... O Natal é quando o Papai Noel nos traz os presentes que nós pedimos, após escrevermos uma linda cartinha e colocamo-la em uma meia perto da lareira. A casa que não tem lareira como a nossa,

pode ser na janela. Eu nunca ouvi falar que esse Jesus fosse alguma coisa no Natal. Ele traz presentes também?

Senhor Haroldo ficou mudo e perplexo, passou a mão na cabeça de seu filho e foi para o seu quarto conversar com a sua esposa sobre o tempo que o filho passava sozinho diante da televisão.

Na lapinha

Tarde da noite no centro do Rio de Janeiro, próximo aos Arcos da Lapa, uma mulher caminha com uma criança nascida há poucos dias. Era seu filho e era noite de Natal.

Sua mente estava invadida de ideias de como se livrar daquela criança indesejada, fruto de um amor mal sucedido. O que fazer? Quando via uma lata de lixo, tinha mendigos à volta que podiam testemunhar o crime hediondo que passava pela sua cabeça. Pense, pense!

Após caminhar pela noite na busca de um orfanato, uma casa, alguém que pudesse aceitar o seu "presente", ela senta na beira da calçada, cansada pelo final da noite. Ela coça os olhos cansados e vê um lindo boi vindo em sua direção. O que estaria fazendo um boi pelo centro do Rio àquela hora da noite? O boi para diante dela e após um longo mugido, olha para ela com um olhar de repreensão. Roça seus chifres no chão e continua seguindo o seu caminho.

A mulher aterrorizada sai em direção à parte mais arborizada de uma praça, onde talvez pudesse deixar o filho para ser encontrado, quando vê entre ela e o arbusto um burro, relinchando e ameaçando correr em sua direção. Ao ver o animal em atitude tão agressiva ela toma sentido oposto para correr. Após alguns passos apressados ela olha para trás e não vê mais nada.

Alucinações naquela hora da noite? Ela não havia bebido nada? Bois e burros agressivos pelas ruas da cidade? O que estaria acontecendo? Ela precisava logo resolver aquela situação, pois o cansaço já estava lhe pregando peças. Era preciso despachar logo aquele bebê indesejado.

A mulher começa a caminhar e sente como se uma brilhante estrela do céu a acompanhasse.

– *"Aquilo já estava se tornando demais!"* – pensava.

Quando, então, de um beco escuro surgem dois meliantes, imbuídos de intenções não muito natalinas. Ao anunciarem as suas intenções, a mulher começa a gritar desesperadamente e os bandidos ameaçam agredi-la:

– *"Ninguém vai ouvir você na Noite de Natal, belezinha..."*

Nesse momento o bebê começa a chorar e algumas janelas se acendem e curiosos aparecem, gritando que chamarão a polícia, preocupados pelo choro daquela criança, na rua, tarde da noite. Os ladrões, então, resolvem se evadir, preocupados em serem apanhados, deixando a mulher com a sua roupa despedaçada.

A mulher, em prantos, abraça o seu filho, dizendo:

– *"Obrigada, obrigada, meu salvador."*

Oração

Noite de Natal também para a família Laranjeira. Uma robusta ave natalina havia sido adquirida com as parcas economias do senhor Laranjeira e na mesa, guloseimas e bebidas. Todos aguardavam a meia-noite para degustar aquele vistoso banquete.

Faltando cinco minutos para as doze badaladas, conforme a mais antiga tradição natalina, a família já se sentava à mesa para iniciar a farta refeição tão esperada por todos. Ana Laranjeira, filha universitária da família, propõe que na busca do significado original do Natal, fizessem ali uma oração, o Pai Nosso, como sinal de agradecimento por aquele momento e em lembrança ao nascimento do menino Jesus.

Senhor Laranjeira acatou a ideia e convocou, como patriarca da família, para unidos sintonizarem em oração que seria proferida por Paulo Laranjeira, o filho mais novo.

Ao iniciar as primeiras palavras do Pai Nosso, Júlio, o primo que havia sido convidado para passar uns dias na casa dos Laranjeiras, rouba uma rabanada, o que interrompe a recém-iniciada oração, com uma rude advertência do senhor Laranjeira, que brada:

– *"Ahhhhhh, menino! Respeita a oração! Onde já se viu? Prossiga, Paulinho!"*

Paulo Laranjeira reinicia a oração e ao chegar na parte do *"Santificado seja o Vosso Nome"*, Melissa, filha do meio do casal Laranjeira, interrompe a oração:

– *"Pai, não dá para andar rápido? Tá na hora do especial de Natal na televisão e o Papai Noel aparece. Eu quero ver!"*

Senhor Laranjeira, contrariado por ser interrompido novamente, meneia a cabeça em sinal negativo, dizendo:

– *"Não, Melissa! Não está vendo que estamos na hora da oração, que é uma hora sagrada? Programa depois. Vamos lá que eu já estou com fome. Ana, reinicie a oração!"*

Paulo, a se ver preterido, fica contrariado e sai da mesa. A filha mais velha, investida de sua autoridade, convida a todos a fecharem os olhos e inicia o Pai Nosso. Na parte do *"Venha a nós*

o Vosso Reino”, as doze badaladas são deflagradas no relógio e uma enxurrada de fogos de artifício inunda a janela. Paulo chama todos para verem o espetáculo, momento em que seu Laranjeira habilmente já pega uma garrafa de champanhe e inicia um grande brinde com banho de *champanhe*, acompanhado das rabanadas, pudins, carnes e demais gostosuras.

A oração? Ah, isso fica para depois... bem depois.

O presépio de São Francisco

Nos tempos em que São Francisco de Assis andava pelo mundo, preocupava, em determinada noite, a mente do santo, a postura de seus companheiros mais diletos. Muitos entendiam a grandeza de Deus, a dádiva da bondade e as bênçãos da humildade. Mas não conseguiam entender a importância do amor pelas criaturas e pelas obras de Deus.

O Santo dormia envolvido naquele mar de problemas e vem a ter um sonho. Nele, o bardo de Deus se encontra em um largo campo, sentado, quando aparecem um a um os animais da manjedoura que abrigou o nascimento do Deus Menino. Esses sentam-se à volta de São Francisco e começam a narrar o dia do nascimento.

O boi, entre um mugido e outro, contava que Nossa Senhora já sentia que chegava a hora e procurou um lugar abrigado onde estavam também alojados aqueles animais. O carneiro recorda que era uma noite bonita de céu estrelado, e uma estrela brilhante apontava no horizonte o local de tão solene acontecimento. Os cavalos, sempre inquietos, recordam que no momento do nascimento, todos fizeram um grande silêncio, como reverência à chegada daquele que veio ao mundo nos salvar.

Cada animal falou um pouco do fato de que eles privilegiadamente testemunharam, naquela noite, que mudou a história da humanidade. São Francisco ouvia atentamente a narrativa dos animais, quando sentiu sobre seus ombros uma pequena mão, leve como uma pluma, que ostentava pequenas chagas. Ao olhar para o lado, viu um menino de olhar cândido, com uma voz suave, como uma sinfonia de pássaros, que repetia:

– “Francisco, somos todos irmãos!”

O Santo acorda sobressaltado e sai pela noite estrelada e, ao ouvir o som da noite pelas silhuetas das colinas sob a luz da lua, entoou um cântico de amor a todas as criaturas viventes. Um novo nascimento de uma nova manjedoura.

Daquele dia em diante o Santo pensou que a comemoração do Natal não podia esquecer a representação de todos aqueles que testemunharam tão importante acontecimento, representando todos eles em um singelo presépio, lembrando-nos que somos todos irmãos.

Natal o ano todo

Naquele dia do mês de março, quando se esvaía uma réstia de um caloroso verão na cidade do Rio de Janeiro, com pessoas estiradas nas redes e sofás enquanto se refestelavam, inicia a nossa estória. O início do ano de trabalho seguia moroso Jasão, funcionário público aposentado. Sentia-se inconformado, insatisfeito. Olhava a vida da janela de seu apartamento e se sentia inquieto, com um sentimento engasgado no seu imo.

Em um *insight*, Jasão levanta de seu trono-sofá e vai mexer naquelas bugigangas adormecidas embaixo da cama. Após a imensa nuvem de poeira levantada, encontra o que queria. Um pequeno adorno verde, de forma circular, com esferas coloridas de vidro, usado para pendurar nas portas para anunciar o Natal. Imbuído de um desejo secreto, saiu munido de martelo e um punhado de pregos e afixou na sua porta o enfeite. Com uma garrafa de *champanhe* entreaberta, saiu pela casa abraçando os seus que nada entendiam. Pelos corredores do seu andar, batia de porta em porta, abraçando cada vizinho, cumprimentando os bebês como um candidato em véspera de eleição, com a única diferença que gargalhava uma risada "*papainoelesca*" e bradava em alto e bom tom:

– "*Feliz Natal! Feliz Natal!*"

O surto natalino não parou por aí. Pegou a carteira, comprou alguns presentes na loja mais próxima, que por sinal estavam em promoção, e, já embrulhados, colocou à beira de uma planta que morava em um vaso de sua minúscula sala de estar, e iniciou a decoração da sua "Árvore de Natal". A família, estupefata, concordava com tudo que ele dizia, temerosa de um mal maior. Sua esposa, Jocasta, mais audaciosa frente ao marido, segurou-lhe as mãos na busca de interrogar seus propósitos. Jasão, com um sorriso cândido, abraça-a fortemente e lhe deseja, com voz aveludada:

– "*Meu amor, Feliz Natal! Que a paz de Jesus esteja convosco.*"

Sem palavras diante daquela esfuziante e sincera demonstração de carinho, dona Jocasta aderiu ao espírito

natalino de seu marido e convocou todos a ajudar na decoração da casa e da ceia. Assim, seguiu pela manhã aprontando um novo Natal, uma nova festa.

Passada a meia-noite, quando naquela casa se repetia, agora em março, o ritual da comemoração do Natal do Nosso Senhor Jesus Cristo, em que todos felizes e abraçados cantavam "Noite Feliz", dona Jocasta, adesa, porém, confusa, aproveita o momento de união e reflexão para perguntar na "Boca miúda", ao seu marido, o que lhe havia despertado tão salutar comportamento. Em tom de discurso, Jasão se levanta e diz solenemente:

– Esta manhã acordei em mais um dia de minha vida. Talvez seja o último, não sei. Sei que, pelo rádio, ouvi em uma estação, que não me lembro qual, que a vida seria melhor se mantivéssemos as aspirações e o espírito da época de Natal todos os dias. Como isso me incomodou! Como me incomodou ver no Natal a nossa família toda se abraçando, unida e agora, decorrido alguns meses, os conflitos, as discussões... Como faz falta aquela fraternidade! Então, resolvi reacender este espírito e tudo de bom que vivemos no Natal. E essa foi a única maneira que encontrei.

Com os olhos imersos em lágrimas, a família toda abraçou Jasão, que estampava em seu semblante a verdadeira alegria do Natal.

Fim